



... A resposta, de armas acesas nas mãos ...

«Queremos armas» — gritou a população de Inhambane quando, em Fevereiro do ano em curso, o Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel visitou aquela província, onde foi carinhosa e calorosamente recebida pelas populações dos distritos a que se deslocou.

«Queremos armas» era o eco do grito, que transportava e transporta o ódio que todo o Povo moçambicano nutre, contra aqueles que, a soldo do Imperialismo internacional e sob as ordens directas do regime racista e nazi-fascista da África do Sul semelham morte e destruição no nosso País.

Quando nessa altura a população de Inhambane pediu armas, juntava assim o seu grito de repúdio ao de populações de outras províncias também cobardemente apunhaladas pelos bandos armados. Nessa altura, para além da vontade de combater os meliantes a população de Inhambane nada mais tinha em suas mãos senão ódio que fervilhava no íntimo de cada cidadão patriota.

Hoje, passados que são sete meses após a histórica e triunfal visita presidencial, o aspecto da população não é o mesmo. Já não se nota nela o medo gerado pelas primeiras barbáries praticadas pelos agentes de Pretória. Em todos os distritos da província nota-se uma azáfama. As populações locais enquadradas pelas Milícias Populares, materializam, com as armas acesas em suas mãos, a razão de ser do «Queremos armas» grito de guerra de todo o nosso Povo contra os inimigos da nossa Liberdade.

QUEM SÃO OS BANDOS ARMADOS? COMO ACTUAM?

Os bandos armados ou o «MNR» como se auto-intitulam — são uma criação do antigo regime colonial da então Rodésia do Sul, com base em antigos membros das forças repressivas do colonial-fascismo português e traidores após a Independência do Zimbabwe, a África do Sul, que teve a sua quota parte na ração deste grupelho, passou a gerir directamente a sua acção. Daí que especialistas sul-africanos participem directamente nas operações consideradas mais complexas, deslocando-se para os lugares de actuação de helicópteros.

Quando os regimes rodésiano e sul-africano criaram este grupo fantoche tinham em vista alcançar dois objectivos imediatos: utilizá-lo como força de entrave contra a Frente Patriótica do Zimbabwe e tentar apresentar os quadri-leiros moçambicanos opostos às Fretilim. Esperavam assim

fleiras do tal «MNR» é porque a ele estão atados psicologicamente pelos crimes que já cometeram. Não são movidos por nenhum ideal político. Longe disso. Obedecem às ordens e interesses do inimigo mais assanhado da África independente e da dignidade humana: o regime nazi-fascista da África do Sul.

Com efeito a presença de moçambicanos neste grupo pode enganar os menos atentos — aliás, esse foi desde sempre o objectivo dos «boers» —, mas é evidente, a partir das suas próprias acções, que nenhum sentimento nacionalista os move. A acção deste moçambicano traidores corresponde a uma actividade cuidadosamente coordenada pelo departamento de «inteligência» militar do exército de Pretória, a verdadeira cabeça do chamado «MNR». E são muitos também os moçambicanos raptados que conseguiram quebrar as algemas psicológicas. Diariamente logem dezenas deles e apresentam-se às FPLM.

POR QUE NOS AGRIDE A ÁFRICA DO SUL?

A resposta para esta pergunta busca as suas raízes no tempo da luta armada de libertação nacional. Com efeito, já nessa altura, o regime racista de Pretória, em conluio com o regime nazi-fascista de Salazar/Caetano, perpetrava massacres contra o nosso Povo. A África do Sul agredia-nos nessa altura porque lutávamos pela con-



... Ontem, hoje e sempre prontos ...

Povo responde com armas aos bandos armados de Pretória

Texto e Fotos de Jacinto Khossa



A foto reporta uma das entre muitas casas incendiadas na Aldeia Comunal que foi e se chamava Chichonque (Mabote/Inhambane)



... E aqui se constrói a vitória com a dimensão da vontade de todo um Povo



... O que foi viveiro de ambr, hoje um monte de escombros. Este é o trilha que Pretória deixa, através dos bandos armados, seu instrumento de agressão contra o nosso Povo

quista da nossa liberdade e independência.

Com a sua infantaria marchando lado a lado com a soldadesca racista de Ian Smith e os seus pilotos comandando esquadrilhas de «Mirages», o regime de Pretória atacou-nos com o objectivo de destruir o Poder Popular então implantado no nosso País.

Forados todos os seus intentos anteriores, o regime do «apartheid» aposta uma nova, mas velha estratégia de criar grupos fanatizados que, à opinião pública nacional e internacional menos atenta seriam apresentados como «forças populares» de oposição ao Poder Popular pelo qual o nosso Povo decidiu pegar em armas e combater o colonialismo. «Dizem que devemos queimar aldeias comunais, destruir pontes, queimar cantinas e camiões» — esta afirmação, que encerra os principais alvos dos bandos armados, foi-nos confiada por vários das dezenas de centenas de cidadãos moçambicanos que haviam sido raptados pelos bandos e que, entretanto, conseguiram fugir ou foram capturados pelas gloriosas FPLM e enviados para junto dos seus familiares, onde reina a segurança e tranquilidade.

E porque queimar as aldeias comunais? Porque as aldeias comunais, para além de serem embriões das futuras cidades, são, segundo a concepção socialista do nosso Partido e Povo, unida-

des de produção a exemplo de um complexo fabril ou mineiro, e o seu desenvolvimento e consolidação significa, a médio e a longo prazos, um progresso económico, um avanço na luta contra o subdesenvolvimento. E é isto que a África do Sul quer boicotar.

Mas não é só isto. Há outras razões a acrescentar às causas da guerra não declarada que Pretória nos move. O regime do «apartheid» pretende que a República Popular de Moçambique, como um Estado Socialista, seja «um mau exemplo» seja um exemplo de fracasso. Ao dificultar o nosso progresso económico, Pretória está a cumprir nesta parte do continente, a estratégia imperialista segundo a qual só o capitalismo promove o desenvolvimento e o progresso económico. É, em síntese, um combate frontal ao socialismo. Pretende, assim, passar um, atestado de incapacidade ao nosso sistema socialista.

A outra razão a adicionar às causas da guerra que nos é movida pelo «apartheid» é o facto de a República Popular de Moçambique ser membro activo do SADCC, instrumento de libertação económica ao nível desta zona do nosso Continente. Não foi por acaso que, em plena realização da reunião dos ministros das finanças dos países membros do SADCC no Malawi, a África do Sul realizou acções de sabotagem à ponte sobre o Rio Púnguê e sobre bóias de sinalização no Porto da Beira.

Pretória está apostada em provar — sem provas — que nenhum Estado africano do subcontinente pode atingir a independência económica sem o seu benefício. Pretende, com estas acções, coagir os Estados do subcontinente a aderirem ao seu plano de «Constituição de Estados da África Austral» (CONSAS), na qual os países visados gravitariam à sua volta como satélites em torno do planeta mãe. E a utilização dos bandos armados tem por objectivo facilitar uma futura agressão aberta (a exemplo do que aconteceu com Israel no Líbano) contra o nosso País, agressão essa que é, afinal, a ambição última do regime «boer» de Pieter Botha. Se ainda não o fez, deve-se mais às contradições e riscos internos do que à situação internacional, em particular. Mas, como disse o Ministro da Segurança do nosso País, Jacinto Veloso, «devemos alertar todo o mundo, isto pode suceder a qualquer momento». A ocupação de uma parte do território angolano e as acções de desestabilização mais diversas

contra, praticamente, a totalidade dos Países da Linha da Frente, assim como a tentativa de golpe de Estado nas Seychelles, provam bem que a África do Sul é bem capaz disso.

A RESPOSTA DO POVO

O Povo moçambicano é um Povo heróico. Já o provou durante a luta contra o colonialismo português. Provou-o durante o 7 de Setembro de 1974 e o 21 de Outubro. Provou-o durante a guerra de libertação do Zimbabwe.

Desde os tempos remotos que o nosso povo se opôs à dominação. Muitos nossos antepassados foram assassinados pelo colonialismo por se negarem à dominação. Já na nossa geração, muitos outros conheceram a morte por dizerem NÃO à dominação, exploração e humilhação.

Na sua trajectória, estes nossos antepassados e contemporâneos, deixaram um trilha que vinga o heroísmo, um legado que constitui, em última análise, um exemplo de patriotismo. Foram Homens que entraram em luta e a morte escolheram a morte. Outros hipotecaram em definitivo as suas vidas para salvar milhões.

Estes factos não constituem apenas memórias do passado. Ainda hoje, nas novas circunstâncias em que se desenvolve a luta nesta fase de luta contra as agressões imperialistas, os factos repetem-se. O nosso Povo nega a dominação. Os exemplos do passado inspiram as novas gerações na resistência e no combate às novas formas de dominação. O nosso Povo conhece o significado e no espírito, o sofrimento que é conhecer, porque viveu na carne e no espírito, o sofrimento que é ser-se dominado, e nega voltar a sê-lo.

Hoje, como em Setembro de 1964, o Povo moçambicano só tem uma resposta a dar: a mesma que deu ao colonialismo português, a mesma que deu no tabaqueiro da ex-Rodésia do Sul: Hoje e sempre pronto para matar a morte e implantar a Paz e a Tranquilidade. Foi esta determinação que fez o Povo moçambicano lançar pela boca das populações de Inhambane, Gaza e Manica, o grito de guerra e de ódio contra os bandos armados, «QUEREMOS ARMAS». E por que já, enquadradas nas Milícias Populares, as têm acesas nas suas mãos, o grito de Setembro ecoa com vigor reforçado: Independência ou Morte, Venceremos!